

# Lá se vai a Amazônia

**F**eito jibóia em bezerro novo, a sanha privatizante começou esta semana a enrolar-se sobre Furnas, renunciando o que acontecerá ao que resta do sistema hidrelétrico nacional. Já se foram os monopólios do petróleo, do gás canalizado, das telecomunicações e da navegação de cabotagem, como se privatizou o subsolo, a telefonia, os satélites, a petroquímica, a siderurgia, o sistema financeiro e quanta coisa mais.



POR CARLOS CHAGAS

Tudo para abater a dívida externa, que se multiplicou, e para melhorar os serviços, que pioraram entre apagões e ligações telefônicas impossíveis de se completar.

Faltam a Petrobras, já retalhada em unidades estanques, deglutidas feito mingau quente, pelas bordas, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica, que segundo empresas estrangeiras de assessoria darão prejuízo a partir de 2003. Depois, será a vez da Amazônia. Depois?

Vale começar do começo: "Se os países subdesenvolvidos não conseguem pagar suas dívidas, que vendam suas riquezas, seus territórios e suas fábricas." (Margaret Thatcher, primeira-ministra da Inglaterra, Londres, 1983). "Ao contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é deles, mas de todos nós." (Al Gore, vice-presidente dos Estados Unidos, Washington, 1989). "O Brasil precisa aceitar uma soberania relativa sobre a Amazônia."

(François Mitterrand, presidente da França, Paris, 1989). "O Brasil deve delegar parte de seus direitos sobre a Amazônia aos organismos internacionais competentes." (Mikhail Gorbachev, chefe do governo soviético, Moscou, 1992). "As nações desenvolvidas devem estender o domínio da lei ao que é comum a todos no mundo. As campanhas ecológicas internacionais que visam à limitação das soberanias nacionais sobre a região amazônica estão deixando a fase propagandística para dar início à fase operativa, que pode definitivamente ensejar intervenções militares diretas sobre a região." (John Major, primeiro-ministro da Inglaterra, Londres, 1992). "A liderança dos Estados Unidos exige que apoiemos a diplomacia com a ameaça da força." (Warren Christopher, secretário de Defesa dos Estados Unidos, Washington, 1995). "Os países em desenvolvimento com imensas dívidas externas devem pagá-las em terras, em ri-

quezas. Vendam suas florestas tropicais." (George W. Bush, candidato à presidência dos Estados Unidos, em debate com Al Gore, Washington, 2000).

Chega? Mas tem mais: "A Amazônia deve ser intocável, pois constitui-se o banco de reservas florestais da humanidade." (Congresso de ecologistas alemães, Berlim, 1990). "Só a internacionalização pode salvar a Amazônia." (Grupo dos Cem, Cidade do México, 1989). "A Amazônia é patrimônio da humanidade. A posse desse imenso território pelo Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru e Equador é meramente circunstancial." (Conselho Mundial das Igrejas Cristãs, Genebra, 1992). "É nosso dever garantir a preservação da Amazônia e de seus habitantes aborígenes para o desfrute das grandes civilizações européias cujas áreas naturais estejam reduzidas a um limite crítico." (Conselho Mundial das Igrejas Cristãs, Genebra, 1994).

Só isso? Nem pensar. O Homem-Aranha, numa revista em quadrinhos, já organizou sua turma e lutou, claro que vencendo, contra posseiros, fazendeiros, garimpeiros e o governo do Brasil. O Super-Homem, também em quadrinhos, em vez de voltar para Krypton, dedicou-se numa aventura inteira a enfrentar os madeireiros que destruíam a Amazônia. O Robocop, esse assassino de metal, em episódio transmitido pela televisão, levou os dez minutos iniciais do filme desaparecido. Quando chegou e perguntaram onde estava, respondeu: "Na guerrilha da Amazônia".

Ingênuos kits distribuídos com brinde nas imensas cadeias mundiais de vender hambúrgueres mostraram dois menininhos conversando sobre sanduíches; quando um deles indaga: "Você sabe que o Brasil queima um campo de futebol por segundo?" Por falar em fogueiras, um restaurante em Londres estampa mensagens em suas toalhas descartáveis, uma delas recomendando: "Lute pelas florestas! Queime um brasileiro!"

Haveria muito mais a referir, de comerciais institucionais transmitidos pela televisão do Primeiro Mundo, inclusive a CNN, onde a repórter Marina Mirabella mostra as maravilhas da fauna e da flora amazônicas para em seguida apresentar cenas de devastação, sujeira e imundície e concluir: "São os brasileiros que estão fazendo isso! Até quando? A Amazônia pertence à humanidade e o Brasil não tem competência para preservá-la!"

O pior, no entanto, é quando essas investidas partem de nós mesmos, de dentro para fora, à maneira do Alien. As deputadas Vanessa Grazziotin e Socorro Gomes, há um mês, solicitaram do general-chefe da Secretaria de Segurança Institucional informações sobre o Programa Nacional de Florestas, obra do ironicamente amazônico ministro do Meio Ambiente, Zequinha Sarney. A Amazônia constitui um mozaico em termos de regime de posse e propriedade, contendo florestas nacionais, parques nacionais, reservas ecológicas, reservas biológicas, terras devolutas públicas e terras privadas. Pelo programa, ampliaram-se as florestas nacionais, que pertencem à União, de 165 mil quilômetros quadrados para quinhentos mil quilômetros quadrados. Uma superfície igual à da França. Para quê? Para transformá-la em propriedades privadas "de modo a disponibilizar matéria-prima para as indústrias (leia-se, as madeireiras internacionais) de forma permanente, contínua, regular e balanceada, em função das exigências do mercado". Mas não era para manter a Amazônia intocada?

O pior, no entanto, é quando essas investidas partem de nós mesmos, de dentro para fora, à maneira do Alien. As deputadas Vanessa Grazziotin e Socorro Gomes, há um mês, solicitaram do general-chefe da Secretaria de Segurança Institucional informações sobre o Programa Nacional de Florestas, obra do ironicamente amazônico ministro do Meio Ambiente, Zequinha Sarney. A Amazônia constitui um mozaico em termos de regime de posse e propriedade, contendo florestas nacionais, parques nacionais, reservas ecológicas, reservas biológicas, terras devolutas públicas e terras privadas. Pelo programa, ampliaram-se as florestas nacionais, que pertencem à União, de 165 mil quilômetros quadrados para quinhentos mil quilômetros quadrados. Uma superfície igual à da França. Para quê? Para transformá-la em propriedades privadas "de modo a disponibilizar matéria-prima para as indústrias (leia-se, as madeireiras internacionais) de forma permanente, contínua, regular e balanceada, em função das exigências do mercado". Mas não era para manter a Amazônia intocada?

CARLOS CHAGAS É JORNALISTA

FALTAM A PETROBRAS, JÁ RETALHADA EM UNIDADES ESTANQUES, O BANCO DO BRASIL E A CAIXA ECONÔMICA, QUE, SEGUNDO EMPRESAS ESTRANGEIRAS DE ASSESSORIA, DARÃO PREJUÍZO A PARTIR DE 2003. DEPOIS, SERÁ A VEZ DA AMAZÔNIA

